



O primeiro trabalho do carioca Gabriel Domingues com o recifense Kleber Mendonça Filho foi em 'Aquarius' quando ainda era assistente de elenco



O próximo projeto em que Domingues está envolvido é um longa, ainda sem título, de Leonardo Lacca, assistente de direção de Kleber Mendonça Filho, com produção de Emilie Lesclaux



Victor Jucá/CinemaScopio

Tânia Maria, Maria Fernanda Cândido, Alice Carvalho e Carlos Francisco são destaques no elenco selecionado por Gabriel Domingues



CinemaScopio



Victor Jucá/CinemaScopio



CinemaScopio

“Ter o Wagner (Moura) como centro permitiu fazer escalasções menos óbvias, mais originais, dando ao filme um fôlego maior de autenticidade”

O que a criação de uma categoria para essa função sinaliza sobre a indústria do cinema?

Sinaliza um passo muito importante da indústria, porque reconhece que quem trabalha com isso também é pensador do filme, das suas camadas, do seu sentido, do seu discurso, do filme como ideia. Isso dá um lugar de autoria, de criação e de reconhecimento

artístico para esses profissionais.

Como é a dinâmica de criação com Kleber Mendonça Filho e como foi dar vida ao universo de tipos que traduzem seu Brasil de 1977?

Eu já tinha trabalhado com o Kleber antes. O primeiro filme que fiz no departamento de casting foi “Aquarius”, há cerca de

dez anos, quando eu ainda era assistente de elenco. Já conhecia um pouco a forma do Kleber de trabalhar. A dramaturgia dele passa muito por um lugar de crônica, de comentário social, cultural e político. Ele pensa o cotidiano brasileiro como comentário sobre a sociedade e sobre o pensamento do Brasil. No caso de “O Agente Secreto”, havia uma questão muito forte de traduzir

o universo de 1977, que foi um momento muito específico do país. Usamos muito material de arquivo e pesquisa para pensar as imagens, a identidade das pessoas e como era a cara do povo brasileiro naquela época. Também existia uma vontade de entender as cenas como possibilidade de refletir sobre questões sociais e de representação. O Brasil vivia quase dez anos de ditadura mi-

litar, com desigualdades muito profundas e abandono de certas camadas da população. Pensamos muito nos cruzamentos entre raça, classe e gênero. O casting é um lugar onde essas questões podem ser pensadas e onde se decide que tipo de comentário o filme vai fazer sobre tudo isso.

De que maneira ter um protagonista como o Wagner Moura muda o curso de um longa na construção de um elenco?

O Wagner é uma estrela, uma pessoa muito reconhecida e um artista muito renomado. Ter ele como protagonista cria um centro gravitacional muito claro para o filme, um eixo muito bem estabelecido. Isso dá a possibilidade de pensar o entorno dele de várias formas, inclusive trabalhando com atores em diferentes estágios da carreira: pessoas que nunca tinham feito cinema; pessoas que já tinham feito outros filmes do Kleber; e outras ainda pouco conhecidas do público. Esse sistema de escalação mistura faces conhecidas e não conhecidas, o que ajuda a refletir a diversidade e também a seduzir o espectador, conduzindo a narrativa pelas figuras humanas. Ter o Wagner como centro permitiu fazer escalasções menos óbvias, mais originais, dando ao filme um fôlego maior de autenticidade.

Você aprendeu a amar cinema depois de ver ‘Kill Bill’ (2003) no extinto Cine Palácio, no Passeio. De que maneira as andanças pelo Rio moldaram seu olhar?

Nasci em Jacarepaguá e cresci no subúrbio. Estudei em vários lugares: Madureira, Méier, Jacarepaguá, Vila Valqueire, Barra. Circulei muito pelas Zonas Norte e Oeste durante a adolescência. Isso me deu uma abrangência muito grande de tipos humanos. Lembro que, no ensino médio, pegava o trem da Central todos os dias para Madureira, e aquilo sempre me intrigou: a diversidade de pessoas, imigrantes, classe operária, camadas populares. Isso fez com que nunca tivesse medo de explorar o Brasil e me interessar por todo tipo de gente.

Quais são seus novos projetos?

No momento, não consigo pensar em novos projetos ainda, pois preciso deixar passar esse tsunami do Oscar. Estou fazendo o novo filme do Leonardo Lacca, que foi assistente de direção em “O Agente Secreto” e que será produzido pela Emilie, mas ainda estamos todos assimilando esse momento.